

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E SUAS INTERSECÇÕES – UMA REFLEXÃO SOBRE A FORMAÇÃO DOS DISCENTES

Autor: Sueli Alves Geroncio de Souza

Universidade Federal da Paraíba

Email: suelialves_2009@hotmail.com

RESUMO

Analisa-se as contribuições do Programa de extensão Universitário, para a formação dos alunos de Ciências Sociais da UFPB. Retratando os processos históricos da extensão universitária no que tange aos seus retrocessos e avanços, demarcado por estruturas sociais, políticas e econômicas de cada momento no seu tempo e espaço. A partir daí, emergem neste trabalho o seguinte desafio a ser respondido: De que maneira a Extensão Universitária contribui/u na formação dos alunos de Ciências Sociais na UFPB? Assim sendo, tem-se como objetivo, analisar as ações da extensão e suas contribuições no processo de formação dos alunos das Ciências Sociais da UFPB, tomando como exemplo o Programa de Extensão: PAMIN (Patrimônio, Memória e Interatividade). Neste intuito, busca-se no dialogo com os participantes envolvidos, conhecer as experiências e vivências a partir das atividades praticadas no PAMIN e como estas contribuíram para uma formação acadêmica cidadã, crítica e conhecedora de seu papel social. Como procedimentos metodológicos, examinar-se o campo investigativo, por meio de diversas documentações, complementadas por entrevistas semi-estruturas realizada com 8 sujeitos participantes do Programa de Extensão, para assimilar a história e entender a participação dos alunos nas atividades promovidas pelo Extensão e o quanto estes processos vivenciados pelos mesmos, contribuíram para sua formação acadêmica. Conclui-se que este trabalho atingiu seus resultados, no que tange a compreender a contribuição do PAMIN como instrumento de colaboração para formação acadêmica dos alunos de Ciências Sociais na UFPB, pois tomando como principal referência os relatos dos entrevistados, entende-se que foi possível a partir das atividades extensionistas, estreita elos do conhecimento acadêmico e popular, buscando uma interação entre teoria e prática através da Universidade em dialogo com a comunidade, em detrimento de superar possíveis desigualdades sociais.

PALAVRAS CHAVE: Extensão Universitária, Formação, Ciências sociais, PAMIN.

1- INTRODUÇÃO (Justificativa, Metodologia e Objetivos)

A partir da Lei de Diretrizes de Base da Educação Nacional (LDB) de número 9.394, de 20 de dezembro de 1996, em seu artigo 43, inciso VII, afirma que é necessário “promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição”. Desse modo, a extensão universitária como requisito dos parâmetros acadêmicos e formativos pode suscitar através de suas atividades, uma aproximação da IES com a sociedade, dando uma nova característica as práticas de extensão. Fazendo com que universidade através da extensão possa colaborar com a vida dos indivíduos em seu universo de partilha de saberes e experiências, contribuindo assim, para uma formação que se estenda aos muros da universidade, como afirma Nogueira (2005, p. 6-7):

A partir dessa necessidade interlocutora entre universidade e sociedade, se começa a desenhar a Extensão Universitária, tratando de reconhecê-la como:

- Instrumento de transferência de conhecimento;
- como instrumento de produção de conhecimento;
- como instrumento de desenvolvimento econômico – político – social – cultural.

De acordo com a autora acima, a extensão universitária conduz outros sentidos à universidade em termos de formação, e conquistas de valorização do indivíduo. Portanto, a extensão universitária obteve um papel fundamental no processo formativo, expansivo e democrático da Universidade, fundamentado no elo com a sociedade. Desta forma é necessário se pensar que o estudo da extensão universitária:

[...] torna-se relevante, por constituir um espaço em que essa instituição exercitar a troca de saberes com a comunidade, a democratização do conhecimento veiculado internamente, a participação efetiva da comunidade em suas atividades, bem como a produção a partir do contato da realidade. (TOSCANO, 2006, p. 12)

De acordo com Toscano (2006) e Nogueira (2005), Freire (1983), Santos (2011) a extensão possibilita a aproximação dos diferentes saberes e práticas com a comunidade, bem como, a superação de práticas reprodutivistas e conservadoras na Educação que tanto tem destituído os pressupostos que mediam a produção de conhecimento por ela concebido. Como cita a autora Nogueira (2005, p. 41): “o ensino não se pode restringir somente a uma mera transmissão do conhecimento já elaborado, mais deve associar uma visão crítica do saber adquirido, exercendo assim uma atividade criadora”.

Como também afirma Freire (2011, p. 47) “saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou sua construção. Desta forma, é importante pensar em um elo entre “teoria e prática”, e a ação reflexão, ocasionando uma possibilidade de uma formação acadêmica mais consciente e transformadora de sua realidade.

No que se refere a minha aproximação com este tema “extensão”, no primeiro momento, emergiu da minha experiência profissional, que desenvolvi em uma Instituição de Ensino Superior pertencente à rede Privada, onde são aplicadas atividades extensionistas com os estudantes dos Cursos de Educação, visando à importância da extensão para realidade da instituição.

A minha função era visitar as atividades extensionistas que estavam sendo realizadas, para o acompanhamento mais próximo da IES com os projetos. Lembro-me de um projeto de extensão, no ano de 2010 “O lúdico como Recurso Metodológico nas Aulas de Ciências Biológicas” que tinha como uma das metas a “construção do conhecimento a partir do lúdico” (NASCIMENTO et al , 2010, p. 06). Os alunos da IES participantes do projeto dialogavam com a realidade escolar dos professores da rede pública da cidade de PATOS-PI. Eles buscam através das oficinas trazerem “o lúdico como recurso metodológico nas aulas de Ciências Biológicas”. (NASCIMENTO et al , 2010, p. 06) e o projeto cobria um período de mais ou menos 2 (dois) meses.

O que pude observar desta experiência, foi o aumento significativo da interatividade e criativa dos professores com os alunos daquela escola. E no que se refere aos estudantes da IES notava-se o entusiasmo com uma realidade desconhecida e eu tinha a impressão que de fato algo tinha mudado na vida daqueles alunos.

Como aluna de Licenciatura do curso de Ciências Sociais, quando comecei a pensar no meu Trabalho de Conclusão de Curso, logo suscitou algo relacionado à extensão devido a minha vivência no campo como observadora. Inicialmente iria explorar como objeto de estudo a extensão universitária no âmbito da instituição privada, oriunda desta minha experiência. Porém, diversas dificuldades foram se apresentando ao longo do caminho, como acesso a relatórios, documentos oficiais, informações que pudessem colaborar para a minha pesquisa.

Num segundo momento, o despertar para o tema se fez por estar na condição de aluna de Ciências Sociais – Licenciatura na UFPB, e não ter realizado cursos ou participado de

atividade de extensão durante a graduação, sendo estudante da noite, e durante o dia trabalhar, não conseguia fazer nenhuma atividade de extensão ou pesquisa, sendo na maioria das vezes ofertado em horários matutinos. Está realidade me perseguiu durante toda a minha trajetória na universidade, desde 2010.

Alguns colegas de turma que ingressaram comigo em 2010, participaram de Monitoria, cursos, eventos, projetos pesquisa e extensão. Isto me deixava um pouco deslocada, pois tinha muito desejo de fazer atividades extracurriculares. Está realidade me forçou a fazer escolhas, frente a isto costumava dizer “Eu passei pela Universidade, mas a Universidade não passou por mim”. Entendo a universidade em quanto um espaço do saber, que precisa interagir com o mundo, se isso não acontecer, algo estará incompleto.

Por isso, esta pesquisa também é fruto do que eu acredito: a Universidade precisa proporcionar ao maior número de estudantes, atividades extensionistas, incluindo de alguma forma os alunos noturnos.

Na busca de estreitar meu campo de pesquisa dentro dos projetos existentes no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba, foi escolhido o Programa Patrimônio, Memória e Interatividade – PAMIN, por se trata de um projeto com visibilidade dentro e fora da academia. Quando a orientadora me falou sobre o PAMIN, um programa de extensão desenvolvido desde 2012 na UFPB vêm o despertar para conhecê-lo, desta forma fui convidada a uma visita no dia 16 de junho de 2016 participando de uma reunião do grupo realizada na UFPB. Na ocasião os oficinairos do PAMIN (alunos dos cursos envolvidos) partilhavam entre os participantes o primeiro contato com a comunidade do Roger na ONG PIOLLIN, relatando as suas experiências e vivências.

Em outro momento o grupo trabalhou um texto que tinha a temática sobre Patrimônio Cultural, indicado pela professora Luciana Chianca coordenadora do programa, que estimulava de forma positiva que todos (as) falassem e participassem. Ao sair da Reunião fiquei muito animada, comecei a partir das falas dos alunos, refletir o quanto a extensão universitária pode ampliar o nosso olhar como estudantes para diversas realidades. Isto me instigou a procurar conhecer mais sobre o PAMIN, a buscar me aprofundar no tema, procurando tomar conhecimento sobre seu objetivo e atividades. Feito isto, comecei a compreender que o PAMIN tem uma relação muito forte com formação social, por isso a importância de está em bairros periféricos, pois é justamente nestas realidades que ninguém chega, que ninguém acredita, que não querem estar. O PAMIN se destaca neste aspecto, pois

trabalha nas comunidades de pouco acesso a educação e serviços públicos, esta característica o torna um programa vinculado com o compromisso social.

Assim, o principal objetivo do PAMIN é desenvolver atividades socioculturais para uma população sócio-economicamente desfavorecida, suas ações são realizadas através de Oficinas com o propósito de valorizar a cultura e o patrimônio local. Procurando mostra seus artistas locais, dando-os uma maior visibilidade. O programa similarmente promove através da plataforma PAMIN uma inserção digital para participantes das comunidades com oficinas de inclusão digital de forma interativa e criativa. A área de conhecimento estabelecida pelo programa é direcionada para as Ciências Humanas, Antropologia Urbana, Cultural e Tecnológica, a linha de extensão do projeto é patrimônio cultural, histórico e imaterial, conseqüentemente sua proposta tem uma abordagem social e tecnológica, como afirma Chianca (2014).

Os participantes do projeto são estudantes de vários cursos, não tendo como afirmar a quantidade exata de alunos, pois os relatórios produzidos pelo PAMIN não informa, sabendo apenas que são de áreas de: Ciências Sociais, Mídias Digitais, Comunicação Social, Arquivologia e Ciências da Computação, por ter uma concepção multidisciplinar o PAMIN se estrutura em dois projetos complementares:

Um de cunho sócio-antropológico, apreendendo as condições sociais de produção da memória e dos patrimônios locais, e outro com um enfoque tecnológico, com a criação e manutenção de um site internet. Buscamos sistematizar o processo de registro e divulgação, apoiando a visibilização deste patrimônio de forma fácil, ágil, livre, completa e democrática através de um suporte digital de ampla usabilidade- a internet-, possibilitando a difusão e o conhecimento mais amplo dos processos culturais e artísticos em curso, potencializando a criatividade e a gestão cultural na Paraíba. Completando a criação cultural e tecnológica de um site internet (www.pamin.lavid.ufpb.br) na UFPB, o programa PAMIN realiza a Oficinas de inclusão digital e patrimonial nas comunidades (Oficina PAMIN), objetivando potencializar o protagonismo e a visibilização da produção artístico-cultural de setores sócio-economicamente periféricos, através do site PAMIN- ferramenta que viabiliza simultaneamente a inclusão digital e patrimonial-cultural das comunidades atendidas. (CHIANCA, 2014, p. 2).

Podemos constatar que o programa PAMIN interatua diretamente em duas realidades, a comunidade e a universidade, de forma dinâmica, interativa, criativa e atenciosa, proporcionando não só para a comunidade uma formação acerca de informações e interação, mas também de conhecimentos sobre as temáticas propostas pelo projeto aos alunos que interagem com realidades algumas vezes desconhecida e desconectada do mundo acadêmico.

No intuito de promulgar simultaneamente uma relação de diálogo, comunicação, convívio e troca de saberes que estão entrelaçados entre a educação popular e acadêmica.

Nesse sentido, procurei melhor entender a relação entre extensão e formação, começando um grande desafio, que era assimilar os entrelaços que o campo de estudo sobre a extensão universitária poderia me mostrar no que compete à possível colaboração na formação dos alunos de Ciências Sociais.

A partir dessa orientação, passei a ir buscar um questionamento que desse a direção para meu estudo a extensão na universidade pública, procurando compreender: De que maneira a Extensão Universitária contribui/u na formação dos alunos (as) do curso de Ciências Sociais da UFPB?

Assim sendo, analisarei as ações da extensão e suas contribuições no processo de formação dos alunos do curso de ciências sociais da UFPB a partir do Programa Patrimônio, Memória e Interatividade (PAMIN). Para este itinerário faz-se necessário, conhecer a história da extensão universitária no Brasil e na UFPB; Como se deu a criação do Curso de Ciências Sociais na UFPB, identificar como ocorreu a participação dos estudantes no curso de Ciências Sociais Licenciatura e Bacharelado no PAMIN; descrever quais as contribuições do PAMIN para a formação dos alunos de Ciências Sociais da UFPB.

O enfoque do meu campo de abrangência estrutural busca dialogar com determinados fatores relativos ao contexto da humanidade, a exemplo de determinados fatos, relatos e situações diversas. Nesse sentido, o estudo tem como fundamento perceber as ações do PAMIN no entorno da formação dos alunos de Ciências Sociais na UFPB como parte do corpo investigativo.

Quanto aos procedimentos metodológicos sobre o campo investigativo o PAMIN, recorreremos inicialmente leitura de projetos, relatórios, artigos e elegemos como técnica de pesquisa a entrevista semi-estruturada entendida como:

[...] aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa (TRIVIÑOS, 1987, p. 146).

A entrevista semiestruturada colaborou na amostragem do grupo escolhido, podendo como pesquisadora interagir de forma mais espontânea na coleta de dados. O grupo entrevistado foram 8 (oito) estudantes do curso de Ciências Sociais nas modalidades bacharelado e licenciatura, alunos estes ingressos e outros egressos de anos anteriores cursando o período de 2016.2, este recorte foi devido as dificuldades de encontrar os alunos do curso de ciências sociais participantes do PAMIN, pois alguns saíram do estado, outros não foram encontrado, não tendo como informar com exatidão o numero de participantes na sua totalidade, pois essas informações não se encontrada nos relatórios finais do PAMIN. Sendo assim, o grupo entrevistado todos participaram do PAMIN, cumprindo as atividades e agenda do projeto.

Ainda como recurso metodológico, conheci a divulgação das ações do PAMIN através de site, redes sociais (Facebook) e vídeos. Procurarei me apropriar na investigação de fotos, imagens, relatórios, plataformas digitais e outras formas de registro do Programa, como um dos caminhos para colaborar na contextualização dos dados obtidos no campo durante as entrevistas com os alunos e alunas participantes.

No percurso da pesquisa fui construindo o meu referencial bibliográfico para entender as contribuições da Extensão Universitária para a formação dos alunos em Ciências Sociais, com o intuito de me fornecer fundamentação teórica, e assim compreender melhor os dados que emergiu no campo. Posto isto, priorizei leituras pertinentes sobre Extensão Universitária, Formação e Participação. Como referencial teórico, escolhi os seguintes autores: Santos (2011), Nogueira (2005), Toscano (2006), Rocha (2001), Oliveira (1991), Serrano (2012), Pateman (1992), Fernandes (2010), Morin (2003), Freire (1983, 1987, 2011) e outros que aparecerão como referencial complementar.

Nesse sentido, os teóricos apontam para o encadeamento de uma formação, que move os indivíduos no processo de ensino – pesquisa – extensão, em decorrência da produção dos diversos saberes e das múltiplas funções e contextos que são inerentes a uma formação cidadã, crítica, reflexiva que reconheçam suas condições sociais, econômicas, políticas e culturais. No que se estende a extensão, esses autores me levaram a refletir de forma mais ampla e clara as concepções extensionistas; prestação de serviço, assistencialista e acadêmica. Serão importantes, para pensar como essas categorias irão influenciar contribuindo ou não numa perspectiva de formação acadêmica.

Portanto, ao longo desse estudo, se fez relevante para a corroboração na direção e intencionalidade do constructo da “Universidade, Extensão e Formação”, buscando suscitar a importância da Extensão Universitária na formação dos alunos/as ingressos e egressos do curso de ciências sociais. E o quanto este elo aproxima a Universidade (conhecimento científico) da comunidade e seus saberes populares.

2- RESULTADOS

Objetivamos nesta parte do trabalho apresentar os resultados obtidos sobre a formação dos alunos do curso de ciências sociais que participaram do PAMIN no período de 2012 a 2016. Nesta parte começamos refletir a partir da pergunta norteadora da nossa investigação: De que maneira a Extensão Universitária contribuiu na formação dos alunos (as) do curso de Ciências Sociais da UFPB? Nossos objetivos buscaram analisar como as ações de extensão e quais contribuições do PAMIN no processo de formação dos alunos do curso de Ciências Sociais da UFPB.

Para que possamos entender como o PAMIN contribuiu para formação desses alunos, iremos analisar a partir de duas perguntas que nortearam a pesquisa. A primeira com o intuito de entender quando ocorreu e como foi a participação destes alunos no Programa de extensão PAMIN. Vejamos algumas respostas:

Minha participação se manteve na parte prática. Eu com mais alguns colegas tínhamos que fazer um reconhecimento do local, ter uma noção do ambiente que a gente ia trabalhar. Antes disso vale salientar que estudávamos a partir de formações teóricas, sobre resgate das memórias, da questão patrimonial partindo do indivíduo (os jovens dos bairros) e de nós interventores. É reiterando um elo que eles são os protagonistas, pois é partir das realidades deles que iríamos construir uma idéia de patrimônio. (A)

Comecei a ser voluntária, ler, participar, ir no PIOLLIN na comunidade do ROGER com os meninos, não tinha ainda bolsa no caso, depois consegui bolsa. O bairro Roger para mim tem uma identificação cultural, e isto aprofundou com o projeto de extensão promovido nas leituras e nas experiências práticas de aproximação do campo. (E) ¹

Eu entrei na pesquisa, no PAMIN em 2012. Então, a nossa primeira parceria do PAMIN foi a ONG Fé e Alegria, atendendo crianças no bairro Mandacaru e outros bairros próximos. Tendo como referência como primeira

¹ Aluna do Curso de Ciências Sociais na modalidade do bacharelado ingressou no curso em 2011.1 na UFPB. Nasceu em João Pessoa- PB e tem 25 anos.

experiência estava nervosa, pra ensinar, pra chegar à oficina, preparar plano de aula, dar aula e ter essa postura de docente, pois o tratamento tanto da Instituição quanto das crianças era direcionado a nós como educadores. Então acabava me cobrando esta postura, e buscando não fugir desse papel, assim sendo uma experiência positiva. (M)²

Foi um processo, eu terminei bacharelado e no período seguinte iria cursar a Licenciatura.. A minha participação dentro do projeto, se delimitou no grupo do inventário, que tinha como objetivo de forma ousada como dizia professora Luciana, trazer, por oficializar todos os registros de manifestações culturais no Brasil. Dialogando com as referências bibliográficas e as falas e crenças observadas pelos oficinairos, tínhamos o intuito de produzir o inventário. (B)³

Fazendo este elo de aproximação com as respostas dos estudantes, nota-se o quanto as práticas extensionistas por intermédio do PAMIN, podem colaborar para uma formação mais social dos alunos em uma dimensão acadêmica. Por esta razão, podemos refletir sobre as concepções teóricas de Paulo Freire (2011), no sentido, da “Educação Libertadora” que aponta a relação dialógica em que o educador ensina e aprende com seus alunos, estabelecendo uma troca de conhecimento. É posto no pensamento Freiriano que é necessário que o educador tenha como ponto de partida a realidade social do aluno, objetivando a formação de indivíduos críticos, que pensam na realidade de forma “consciente” indicando que a educação precisa estabelecer uma correlação entre teoria e prática, a tríade: ação-reflexão-ensino.

A outra pergunta buscava entender melhor quais as contribuições das ações desenvolvidas no PAMIN para a formação no curso de Ciências Sociais nas modalidades de Bacharelado e Licenciatura. Vejamos algumas respostas dos nossos entrevistados:

Contribuiu para mim porque eu percebi que não sabia nada de patrimônio, eu só vim entender um pouco o que era patrimônio realmente na convivência com os alunos. A gente percebeu que era muito mais do que uma teoria. Começando a associar que a vivência de uma realidade diferente, pode proporcionar percepções para além da universidade. Por exemplo, os alunos do PIOOLIN fizeram a gente perceber coisas que nem imaginava, ao dizer que uma simples comida poderia ser um patrimônio, e a gente começou a questionar, por que uma comida pode ser considerada patrimônio cultural? A resposta foi: porque cada região tem caracterizações diferentes de como fazer comida, ou seja, existe a identidade daquele povo. (A)

² Aluna do Curso de Ciências Sociais na modalidade licenciatura, já cursou Ciências Sociais na modalidade bacharelado que concluiu em 2014. Nasceu em Itaporanga - PB e tem 24 anos.

³ Aluna do Curso de Ciências Sociais na modalidade de licenciatura, já cursou Ciências Sociais na modalidade bacharelado que concluiu em 2015. Nasceu em Santa Rita – PB e tem 27 anos.

Com certeza o PAMIN ampliou minha formação. Levando em consideração que existe dois processos de formação, uma formação teórica científico e que é imprescindível porque não tem eu viver numa prática sem um embasamento teórico e a prática no PAMIN me faz pensar uma teoria de forma viva, me possibilitando inclusive o treino enquanto cientista social, a partir de uma realidade. Pra mim a formação teórica e a vivência proporcionada pelo PAMIN, foram fundamentais. (B)

Sim, com certeza. Porque a gente pode com o PAMIN interagir com realidades desconhecidas. Sou oriunda do bacharelado, logo apresentei poucos seminários, era mais prova, prova que eu fazia, acredito que apresentei 3 ou 4 seminários. O mais interessante era a troca de conhecimento, nas oficinas percebi que não estava ali para só ensinar, mais também para aprender. Este momento me trouxe a tona à importância de uma formação que me proporcionasse um elo com a comunidade. Sendo assim, sericineira, me proporcionou outro olhar sobre minhas possíveis práticas educativas. (E, Grifo nosso)

No fundo toda pesquisa, acho que ajuda o aluno. Mas o PAMIN realmente é uma escola, foi um projeto assim pra vida, que ensinou pra vida. Eu acho que sempre fui aluna muito tímida no curso inteiro. Então eu era aquela do final do canto da sala, que mal falava. E no PAMIN automaticamente todo o período em que eu fiquei era desafiador, pois estava me expondo a todo o momento, com as oficinas, apresentação nos eventos do projeto, tinha que conversar com as pessoas, tinha que esclarecer. Então esses desafios foram me ajudando muito a ter outra postura. (M)

Estas reflexões nos permitem perceber a importância do PAMIN na categoria formação. Isto é veridicamente evidenciado nas falas, quando o ato de participar do projeto suscita dimensões para a vida, traçando uma trajetória para além dos muros da academia e proporcionando ao aluno uma educação continuada. Baseado em uma relação próxima da teoria e prática, o PAMIN possibilita uma troca de saberes, fortalecida com a comunidade e sua realidade. A partir do PAMIN os alunos percebem uma universidade como campo formativo, para além do que se apresenta em “sala de aula”. A partir das falas dos entrevistados, percebemos que o PAMIN conseguiu acoplar tudo isso, quando o aluno diz “o PAMIN traça uma trajetória para além dos muros da academia, isto é incontestável, fazendo que amplie meus horizontes de formação, ou “foi um projeto assim pra vida, que ensinou pra vida”. Diante das falas, refletir sobre o PAMIN suscita uma esperança de uma formação mais consciente de seu papel social.

3- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho foram desenvolvidas reflexões teóricas e empíricas no intuito de promover uma discussão acerca de entender como a extensão universitária colaborou na formação acadêmica dos alunos do Curso de Ciências Sociais na UFPB. Tomei como referência a Extensão acadêmica, pois é onde se encontra meus dois objetos de estudos, o Programa Patrimônio Memória e Interatividade – PAMIN e os alunos do Curso de Ciências Sociais. No que se referiram as atividades do PAMIN, foram iniciadas em 2012 á 2016 na Universidade Federal da Paraíba. Porém este trabalho relatou alguns momentos das experiências e vivências na ONG PIOLLIN em 2016 localizada no bairro do Roger, pois foi até então o último período de funcionamento do PAMIN e realização do início da pesquisa.

No tocante a pesquisa, foi realizada a partir de entrevistas semi-estruturadas, com alunos do Curso de Ciências Sociais na UFPB, norteado por perguntas que mostraram a participação desses alunos no PAMIN e a importância das ações do Programa para a formação destes. Nesta investigação empírica, escutar os estudantes foi crucial para entender este processo. O resultado estive em torno da confirmação (tendo como parâmetro) as falas, que as atividades extensionistas promovidas pelo PAMIN de fato, debateram claramente uma intervenção de uma educação que dialoga com uma formação crítica e reflexiva e mantedora de um papel social, como afirma Freire (1987) à importância de uma educação dialógica, que interagi com o mundo e seus problemas. Algumas principais palavras utilizadas pelos entrevistados podem atesta, sendo elas; formação, comunidade, realidade, troca de saberes, diálogo, interação, vivência, extensão, ensino, aprendizagem. Nisto, constatou-se que o PAMIN buscou na sua idealização a partir de suas ações, uma formação que viabilize e priorize práticas que suscitem a valorização das manifestações culturais e que resulte um maior contato direto com a comunidade.

Conclui-se que tais experiências, possam favorecer um campo reflexivo do pensamento, na interação de uma formação acadêmica que se utilize das práticas que as atividades de Extensão Universitária podem promover, com o intuito de estreita os elos dos conhecimentos científicos e populares, em detrimento de superar desigualdades sociais.

4. REFERÊNCIAS

MORIN, Edgar. A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento; tradução Eloá, 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 128.

NOGUEIRA, Maria. Políticas de extensão Universitária Brasileira. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005. .

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2011, p. 143.

_____ Extensão ou Comunicação? Rio de Janeiro: 7.ed. Paz e Terra, 1983, 51 p.

_____ Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: 17. Ed. Paz e Terra, 1987, p. 44-

ROCHA, Roberto. A construção do Conceito de Extensão Universitária na America Latina. In. FARIA Dóris Santos (org.). Construção Conceitual da Extensão Universitária na America Latina. Brasília, 2001 p. 73-84.

SANTOS, Boa Ventura. A Universidade no Século XX: para reforma democrática e emancipadora da Universidade. – 3 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SERRANO, Rossana. Conceitos de extensão universitária: um diálogo com Paulo Freire. Disponível em: <
http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/atividades/discussao/artigos/conceitos_de_extensao_universitaria.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2017.

SERRANO, Rossana. O Processo de Avaliação da Extensão, Experiências na UFPB. In. BUVINICH, Manuel Juan Rojas; FERREIRA, Lúcia de Fatima Guerra; STEIN, Cirineu Cecote (Org). A institucionalização da Extensão Universitária nos Projetos de Cursos da UFPB. Paraíba, 2012, p. 73 – 91.

TOSCANO, Geovânia da Silva. Extensão: Universitária e Formação Cidadã: UFRN e UFBA em ação . 2006. Tese (Doutorado em Ciências Sociais Cultura e Representações) Ciências Sociais Cultura e Representações, UFRN, Rio Grande do Norte, 2006.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Pesquisa qualitativa. In: TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Introdução à pesquisa em ciências sociais. São Paulo: Atlas, 1987. p.116-150.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARÁIBA. Histórico da UFPB. Disponível em: <
<http://www.ufpb.br/>>. Acesso em: 24 janeiro 2017.